

A liberdade de expressão e o *Charlie Hebdo*¹



Dominique Wolton

*Doutor em Sociologia pelo
Instituto de Ciências Políticas de Paris
Diretor de pesquisa do CNRS*

*Dirige o laboratório
“Informação, comunicação e objetivos científicos”*

Resumo: Este artigo é uma transcrição da aula inaugural do sociólogo francês Dominique Wolton, “A liberdade de expressão e o *Charlie Hebdo*”, proferida na Cásper Líbero, dia 18 de março. Wolton é pesquisador do CNRS, o Conselho Nacional de Pesquisa Científica da França, e editor da revista *Hermès*, referência na Área de Comunicação, além de ser autor dos livros “Informar não é Comunicar” e “Internet, e depois?”, entre outros. A aula, realização da faculdade em parceria com o consulado da França, teve como um dos temas o assassinato de jornalistas franceses por conta da publicação, no periódico satírico, de cartoons representando Maomé.

Palavras-chave: Comunicação, identidade, liberdade de expressão, internet, informação.

La libertad de expresión y el Charlie Hebdo

Resumen: Este artículo es una transcripción de la conferencia inaugural del sociólogo francés Dominique Wolton, “La libertad de expresión y el *Charlie Hebdo*”, dictada en Casper Líbero, 18 de marzo. Wolton es investigador en el CNRS, el Consejo Nacional de Investigaciones Científicas de Francia, y editor de la revista *Hermès*, y es autor de los libros “Informe no es” y “de Internet, entonces?”, Etc. La clase, la finalización de la universidad en colaboración con el Consulado de Francia, tuvo como tema el asesinato de periodistas franceses a causa de la publicación, en la revista satírica, de caricaturas de Mohammad.

Palabras clave: Comunicación, identidad, libertad de expresión, internet, información.

Freedom of press and the Charlie Hebdo

Abstract: On March 18th, French Sociologist Dominique Wolton made the inaugural year address at Casper Líbero. His lecture “*Freedom of press and the Charlie Hebdo*” focused on the problems and demands of free speech, mainly based on the killing of French journalists from the *Charlie Hebdo* satirical newspaper because of the publication of charges of Mohammed. Wolton is Research Director of the CNRS, the French Council for Scientific Research, and the publisher of *Hermès*, a high standard academic journal. This article is a transcription of his address.

Keywords: Communication, identity, freedom of speech, internet, information.

Estou muito feliz por estar aqui. Eu amo o Brasil, amo a comunicação, amo estudantes, amo a cultura. Vocês são uma democracia jovem. Eu acredito que há muitas ligações entre a América Latina e a Europa, e falarei sobre isso daqui a pouco. A Europa é composta por vários países, várias línguas, milhões de habitantes, tem muitos anos, muita comunicação, muitos conflitos. A Europa é a maior reunião política, pacífica, democrática da história do mundo, provavelmente sua mais bela lição de otimismo. Na Europa há língua latina, línguas que vieram do latim: espanhol, francês, português, romeno, italiano etc, que juntas são muito importantes.

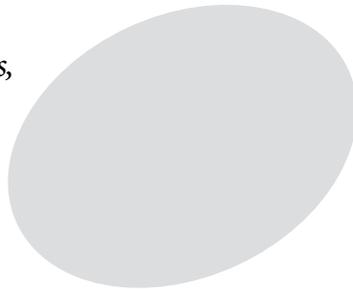
Na Europa, se vê uma contradição: ela é forte e, ao mesmo tempo, frágil, e nós europeus precisamos da América Latina. Por que a América Latina? Porque na América Latina há 600 milhões de habitantes e são usa-

¹ Tradução realizada por Vivian Paixão, pesquisadora discente do Programa de Mestrado da Cásper Líbero.

das basicamente duas línguas: português e espanhol. A Europa, assim como a América Latina, fala línguas que vêm do Latim. Se a francofonia no mundo atinge 150 milhões de pessoas, os falantes de línguas latinas no mundo são milhares. São 600 milhões na América Latina, aproximadamente 300 milhões na Europa e mais alguns pelo mundo.

Isso mostra duas coisas: as pessoas que falam a língua latina são mais fiéis a sua origem, na totalidade da América Latina, numa parte da Europa, numa parte da África, numa parte da Ásia. Por outro lado, a Amé-

A comunicação é o discurso, são as palavras, é o modo de ver, é a dimensão humana para se fazer o que se detesta ou o que se ama



rica Latina compreende que tem a obrigação de se estruturar um pouco; não para forçar uma aproximação com a Europa, mas para ser capaz, de dentro da Europa, de pesquisar quem é: sua coabitação política, o respeito com o outro e sua democracia. Os latinos são capazes de negociar e se comunicar entre eles, enquanto que a Europa está sozinha no mundo. Há uma diferença histórica e cultural. A América Latina faz parte da história da Europa, e, mesmo tendo ocorrido atrocidades no passado, existe uma história comum, existe uma força.

Uma introdução sobre a Comunicação precede uma Teoria da Comunicação. Adoro a comunicação porque sei que ela jamais vai deixar de existir. Tudo na nossa vida gira em torno da Comunicação, sem ela as nossas experiências seriam desastrosas.

Como se dá a comunicação? A Comunicação se dá na relação, na Comunicação

com o outro. A Comunicação é amor. É tudo amor. O que se passa nesse século é um cruzamento entre a dificuldade da Comunicação e o prodígio do programa tecnológico da comunicação. Nós séculos XIX-XX, não houve muitas liberdades individuais, de pensamento, de falar, liberdade política, emancipação. Pensando nesse século, nunca houve no mundo um momento tão favorável à Comunicação como o século XXI e, simultaneamente, todos os governos têm uma dificuldade enorme com a comunicação, na forma como eu a entendo.

Quase todos os desenvolvedores detestam a comunicação e adoram a informação. Por que isso acontece? Porque, simultaneamente, com a técnica da Comunicação houve um grande progresso: o telefone a partir de 1880, o rádio a partir de 1910, a televisão a partir de 1940, o computador a partir de 1950, que resultou na internet a partir de 1980, o Facebook etc. Ao mesmo tempo em que o ser humano descobre a dificuldade de se libertar da comunicação humana, descobre formidáveis técnicas de comunicação humana. No século XXI, há o cruzamento entre a decepção ligada à comunicação, a desvalorização da comunicação e a oportunidade da razão excessiva ligada à tecnologia. Não há melhora na Comunicação humana, pois a tecnologia complica os homens, a cultura, a religião e a filosofia.

● Dimensões da comunicação

A Teoria da Comunicação consiste na dimensão humana sobre a inteligência do receptor, sobre a importância da comunicação, sobre a necessidade de negociação. A filosofia da comunicação defende, inicialmente, o humanismo e a política. Há uma outra postura segundo a qual quanto mais rádio, mais televisão, mais internet, melhor é. As duas filosofias da comunicação são a filosofia sobre a técnica e sobre a economia. Minha hipótese é inversa: é que quanto mais internet, pior é a comunicação. Por quê? Na

internet a informação é muito rápida e a comunicação atualiza as coisas muito lentamente. Então, quanto mais rádio, televisão e internet, a condição de compreender é mais fácil e, ao mesmo tempo, é complicado, no seu interior, compreensão. Em um casal, em uma família ou em um país, você vê todas essas experiências, em que eles não se compreendem bem.

Há três dimensões na Comunicação. Um é o amor, a mais importante. O celular é uma pequena tecnologia com todas as aplicações, com todos os arquivos dessa aplicação. Estão todos dentro dele, como se fosse uma relação amorosa. E você diz a seguinte frase, como se ele fosse seu amor: “Onde ele está?” É só isso que interessa. O que você ama é o que você é. Em seguida, vem o silêncio. Quando há uma briga, eu fico com o celular na mão na esperança que a pessoa amada vai me telefonar. Mais uma vez o silêncio.

Assim, o primeiro senso da Comunicação é dividir o amor. O segundo senso, perfeitamente dominado hoje em dia pela internet, é a transmissão. Hoje a transmissão é interativa. Isso é um progresso. Mas a interatividade não é comunicação.

A interatividade é para os negócios o senso mais importante hoje em dia na comunicação, como toda a relação afetiva ou política ou interativa, a comunicação é negociada. Se você estiver de acordo, se evita a guerra. Qual é o princípio da comunicação? A comunicação é o discurso, são as palavras, é o modo de ver, é a dimensão humana para se fazer o que se detesta ou o que se ama. Pode ser no Facebook ou quando você está na sua rede de amigos e navega. Uma questão importante: você pode não navegar. Isso não tem problema. A Teoria da Comunicação é a dimensão humana, dimensão política, a importância da negociação, a importância da comunicação, a obrigação de diferenciar a comunicação da técnica, reduzir a presença da tecnologia, parar o domínio da internet sobre a razão.

● Mídia e liberdade de expressão

Na atual situação do mundo, a liberdade de expressão está anulada por causa das guerras, das ditaduras e do terrorismo. O Brasil, a América Latina no geral, conhece a ditadura. Vocês não têm guerra, a guerra de vocês é uma pequena guerra e vocês não têm terrorismo. Na Europa, houve um tipo de ditadura, duas guerras mundiais com 100 milhões de mortos e há o terrorismo de tempos em tempos que utiliza a mídia.

Nos últimos dias, aconteceu uma execução de jornalistas. O terrorismo internacional utiliza muito bem a mídia. Não é mais o mesmo de antes, pois agora ele utiliza a mídia. Os terroristas são os gênios da comunicação. Passou-se da comunicação ditatorial para a comunicação interativa. Para os europeus, é necessário conservar a liberdade de expressão e evitar represália da parte do terrorismo. A questão política, por exemplo, na Europa, é garantir, manter e preservar a liberdade de expressão, evitando represália. Isso vai limitar sua própria liberdade de expressão; essa é a primeira questão. A segunda questão: como vai se limitar a liberdade de expressão? Porque nunca vamos poder falar coisas que choquem o terrorista.

Hoje os terroristas são fundamentalistas islâmicos. Eles vêm de várias regiões, são frutos de uma mistura cultural, linguística e política. Nunca esqueça que os seres humanos, assim como vocês e eu, provêm de sua cultura, de sua língua, de sua visão de mundo, de sua liberdade, de sua política, de seu patrimônio, de sua representação histórica. Estamos todos no mesmo barco, porque a cultura é a mais importante.

Quando os terroristas dizem que estamos proibidos de representar Maomé, é porque o Islã proíbe a representação de Maomé. O que faz a Europa? Ela obedece a essa interdição ou ela anula os europeus da liberdade de expressão. Nós temos total permissão para criticar a igreja Católica, todas as igrejas, criticar a sua política, criticar tudo, mas não podemos

criticar o islamismo, porque é o islamismo. Não devemos obedecer ao Islã e deixá-lo reduzir a nossa liberdade de expressão.

O assassino dos jornalistas de *Charlie Hebdo* entrou na redação e atirou em todos que estavam lá, somente por eles terem ousado representar o profeta. Esse é o grande debate. Se a França fizer alguma concessão, terá que assumir para o mundo que a Europa é uma parte do mundo que não há liberdade de expressão total. O jornal *Charlie Hebdo* não poderia existir na Inglaterra nem nos Estados Unidos, pois a política e a religião são próximas.

Com a manifestação de hoje, a França, que é um pequeno país com 60 milhões de habitantes, levou quatro milhões de pessoas às ruas. Algumas pessoas liam o *Charlie Hebdo*. Era um jornal que tinha a tiragem de 100 mil exemplares. Não era um jornal popular, mas o massacre dos jornalistas fez com que, espontaneamente, milhares de pessoas saíssem às ruas por três questões essenciais: não se deve tocar na liberdade de expressão. Mesmo se ela for inconveniente, ela é absoluta, como ocorre na Suécia, na Finlândia. É preciso ter respeito com a liberdade de expressão. A segunda questão é o fato de se incitar a violência. Você diz que não concorda com nada na religião ou na política, mas os que não concordam com isso não podem ameaçar a liberdade de expressão. É muito forte essa ideia, muito difícil. A terceira medida que fez a França ter essa manifestação espontânea foi o desejo de fraternidade. Houve muitas ameaças terroristas na França. Nós assumimos essa responsabilidade humana, republicana, democrática. Os franceses não são heróis, não são melhores que outros povos. Simplesmente é defender o direito fundamental de um país.

É verdade que nunca teve uma manifestação como essa desde 1945. A batalha política que está por trás do massacre de *Charlie Hebdo* é a liberdade de expressão que está sendo ameaçada, limitada, reduzida, por uma religião. Evidentemente que

pela soma de todos os modos de redução da liberdade de expressão, o risco que a liberdade de expressão corre é muito pequeno. O *Charlie Hebdo* é o mais radical da liberdade de expressão. O mais interessante na política francesa é que ninguém lia *Charlie Hebdo*, mas o valor extremo da liberdade de expressão, a guerra e o massacre contra essa liberdade extrema, obriga a defesa de toda a liberdade de expressão.

Charlie Hebdo é o exemplo de quem exagera na liberdade de expressão, mas, de todo modo, deve ser defendido. Não há concessão possível para a liberdade de expressão. Esse massacre obriga o país, como vocês viram em várias partes do mundo, a apoiar o *Charlie Hebdo*: nós somos todos *Charlie Hebdo*. Reivindica-se o *Charlie Hebdo*, gostando ou não dele. Há a mesma batalha hoje no Brasil, na Argentina, nos Estados Unidos. Essa reivindicação não é perfeita na França, mas de tempos em tempo a grande questão política. A França é incapaz de ter uma visão universal. Essa batalha pela liberdade de expressão, pela manifestação, deve ser algo para o mundo inteiro e não é perfeito.

Essa é a radicalização da democracia, é a liberdade por tudo e para todos, seja pela religião, seja pela política, seja pela comunicação, seja no poder ético. Não se pode interditar a liberdade de expressão, mesmo se não gostar do que foi dito. Esse é o arranjo político de *Charlie Hebdo*. Por isso que o mundo inteiro se manifestou, porque muitos países viram que o que se passou na França diz respeito à liberdade de expressão do mundo inteiro. O povo dos países árabes que não conhecem praticamente nada da liberdade de expressão. Somente a Tunísia, finalmente, penso que ficou, silenciosamente, junto com a Europa, e a França particularmente teve coragem de defender a liberdade de expressão após o massacre de várias pessoas: jornalistas e policiais.

Eu repito que a lição desse massacre é a liberdade de expressão absoluta, a fraternidade, liberdade e, finalmente, a França como símbolo de certa concepção de universalidade.

de. Talvez essa seja uma resposta a um país que não é muito fiel a ele mesmo. O valor defendido por essa tragédia é que o terrorismo na França não terminou. Sobre o território francês há dez mil soldados que estão empregados para atender o terrorismo. Dez mil soldados, na França, é muito para um pequeno país. Então se você quiser a liberdade de expressão é preciso uma corajosa batalha política-militar contra o terrorismo. De qualquer maneira, a França, pela primeira vez, tem um valor universal.

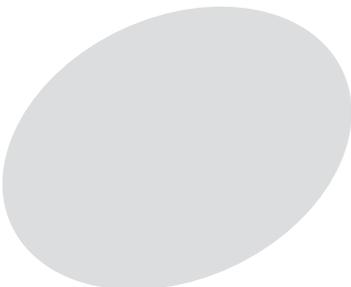
Democracia e cultura

O regime democrático não vai mudar jamais. A primeira condição para a sociedade democrática é o amor à liberdade de expressão. A segunda coisa que eu vou desenvolver é que se compreenda o caso do radicalismo terrorista da Europa. Isso tudo é a força da mundialização. A partir dos anos 80, o comunismo começou a decair e o sonho político que se tinha com ele desapareceu. Então surgiu a mundialização, globalização econômica, depois a democrática. Por volta dos anos 1990 – 2000, a globalização foi vista como uma emancipação política e a partir de 2000, a partir do Fórum Social Mundial de Porto Alegre, houve a contestação radical da mundialização onde se disse que a mundialização não é democrática, mas é capitalista. É nisso que a mundialização se tornou, e você vê hoje, uns 20 anos depois, que a mundialização começa no capitalismo e não na democracia.

A mundialização traz uma ideia de abertura. O poder de circulação com a globalização da economia, com a abertura do mundo, circulação dos homens, somente os imigrantes, que estão em todos os lugares, estimularia o progresso. Mas com a abertura, desestabilizou a noção de cultura, não num país como o Brasil que é grande, numeroso. Vocês têm o multiculturalismo, mesmo tendo o racismo, como em todos os lugares do mundo; mas na metade do mundo a identidade cultural está ameaçada.

A política que está se confrontando hoje faz coabitar uma abertura econômica que garante alguma democracia. Vivemos em uma ditadura capitalista. Vocês sabem disso aqui na América latina. Conservar essa abertura econômica com a diversidade cultural é o mais essencial que eu vou dizer nessa manhã por ser capaz de preservar a manifestação cultural, preservar a língua.

A primeira riqueza de um país é a sua língua materna, depois as línguas regionais, depois a nacional e, em matéria de comunicação, eu digo que se começa com a ecolo-



A tecnologia devora a liberdade de informação, mas a imprensa do mundo inteiro não tem a coragem de dizer: resistamos à velocidade

gia. Esse já é um problema político conhecido - um dia os americanos vão pensar em ecologia - mas essa não é a questão mais importante para um país nesse século. Deve-se prestar atenção na humanidade. O mais grave é a guerra.

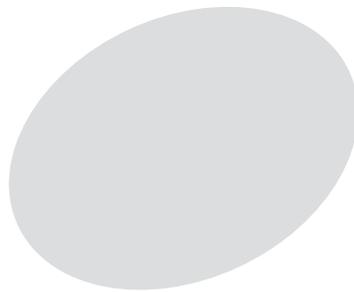
A diversidade cultural é uma questão de comunicação, porque se você diz “eu não compreendo essa cultura, eu não compreendo essa língua”, você não vai negociar, se não se compreende minimamente. Então a guerra desse século não é a ecologia, o capitalismo não vê a ecologia, porque há muito dinheiro a se ganhar com ela. É muito bom clamar a ecologia, deve-se prestar atenção nos problemas da Amazônia - vocês são o pulmão da Terra - mas a ecologia não é a solução, mas o respeito da língua, da cultura, da religião é muito difícil.

As pessoas se massacram, fazem a guerra por identidade cultural. A identidade cul-

tural é a questão central do século XXI, e o terrorismo é uma extensão disso. A diversidade cultural afeta o passado. Os homens não aceitam perder a sua identidade cultural, a construção política da coabitação cultural e da obrigação democrática. Isso sempre se remete à comunicação, com a política no centro. Hoje, a Europa é mais forte que as diferenças, e a questão da diversidade cultural no mundo também. O desejo de se viver bem na Europa ultrapassa qualquer diferença.

A terceira coisa que tenho a dizer é a responsabilidade da imprensa. A imprensa foi tomada pela tecnologia. A imprensa precisa

Há um grande trabalho a ser feito pelos jornalistas no mundo que é ter coragem de criticar a tecnologia que perverte a informação



de abertura política. A liberdade da imprensa é uma liberdade política de combate, e a batalha de liberdade da imprensa é sempre utilizada com a tecnologia, pra começar o telefone, o rádio, a televisão, a internet etc. Mas o problema da imprensa hoje é que a tecnologia é mais rápida que o trabalho do jornalista. A tecnologia, as redes, a internet, o Twitter devoram a liberdade de informação, mas a imprensa do mundo inteiro não tem a coragem de dizer: resistamos à velocidade, ao senso das redes. A internet é onde se marca a diferença, os jornalistas de todos os países do mundo são adoradores da internet. Isso é estúpido. A vitória da internet é a morte do jornalista. Por quê? Porque a internet é a liberdade de expressão que não é controlada por ninguém, eu posso colocar na internet conteúdos racistas, fazer especulações financeiras, fazer pedofilia etc.

O trabalho do jornalista pode ser formidável com a internet. Você diz que a internet existe, mas é o trabalho do jornalista fazer a verificação e a construção da informação que ninguém vê na internet. A produção da informação tem sido muito acelerada na formação, na concorrência com a internet. Cerca de 60% dos jornalistas trabalham baseados na internet. Uma pena! Os jornalistas são os “autores” dos computadores. São os principais responsáveis pela liberdade de informação do mundo. A imprensa é a coragem de resistir. No entanto, a concorrência hoje é infernal, você precisa colocar a informação em circulação. A informação acelera a formação da informação sempre. A internet reúne um monte de boatos, de mensagem, de paranoias.

Duas questões interessantes: nunca teve tanta tecnologia para se produzir informação. Se você pensar na história da comunicação quanto mais tecnologia mais diversidade de informação, mas não, quanto mais tecnologia, mais a mesma informação vai para todos os lugares. Tudo é imediato, todos os lugares dizem a mesma coisa. Segundo problema: quanto mais uma informação é publicada, mais aumenta o número de boatos e de teorias da conspiração.

Política, redes e jornalismo

Na internet existe toda uma teoria da conspiração, e os jornalistas do mundo inteiro correm para saber os boatos e a conspiração da internet. O mundo ficou muito complicado, porque a cultura, a religião, o sistema político não estão de acordo. Porque existe boato para tudo, há teoria da conspiração pra tudo. O trabalho da imprensa é frágil; é indispensável o trabalho do jornalista, do grande jornalista. Se houvesse uma resistência à rapidez, não existiria essa dominação da internet, seria construída uma formação.

Pode-se criticar, claro, o jornalismo, mas ele representa a legitimação da construção da informação profissional, e a grande ques-

tão que se coloca na formação do terrorismo é que o terrorista está instrumentalizado. O terrorista telefona para o canal de informação, e o jornalista acha a informação muito efêmera e discute com o terrorista, é a perversão da informação. Há um grande trabalho a ser feito pelos jornalistas no mundo que é ter coragem de criticar a tecnologia que perverte a informação. A preservação da liberdade de expressão e da liberdade de imprensa depende da coragem do jornalista e do dono da imprensa. Até esse século, a técnica complementou, acompanhou a liberdade de expressão. Hoje a técnica tornou-se presente e virou um adversário da liberdade de expressão.

Eu não estou falando para não utilizar a internet e as redes, eu estou falando que os jornalistas do mundo estão em uma batalha política. A legitimação da imprensa hoje é muito frágil e depende da confiança que o público coloca no jornalista. O jornalista está no meio dos boatos da internet e da liberdade de expressão. O grande problema do jornalismo hoje é arrumar um modo de não deixar a rapidez ser o seu centro.

Senão vamos treinar a loucura, a rapidez e a deslegitimação do jornalismo. Por exemplo, se a televisão francesa aceitar dialogar com a os terroristas que existem por toda a França para criar a informação é demagogia. Isso vai aumentar a audiência. Não confundam direito à informação com audiência. A audiência não é informação é a perversão. Todos nós devemos pedir uma ficção crítica, teórica sobre qualquer informação, sobre tudo que acontecer no meio jornalístico e dizer não, precisa haver uma batalha no Brasil, na América Latina, no mundo para defender a fragilidade do trabalho do jornalista. O jornalista é fundamentalmente um ser humano, um ser humano frágil que se engana, que está no meio de milhões de informações, milhões de boatos. Eu penso que por manhã, por dia, por semana, há muitas informações importantes, mas as fontes do mundo inteiro informam a mesma coisa ao mesmo tempo.

Por uma parte é verdadeiro, pois o que é verdade é verdade, mas a imprensa pode informar coisas que os outros não informaram. Se o todo o público vê sempre a mesma informação, da mesma maneira no rádio, na televisão ou nas redes, é claro que a legitimidade será perdida. O jornalista, às vezes, fica feliz quando coloca a mesma informação nas redes, então ele diz: “eu sou jornalista”. Não, você não é. O jornalista é jornalista 24 horas por dia. O jornalista tem coragem de defender o seu valor, e defender o valor do jornalista não é ser conservador, e não é progressista dizer que não se importa com a internet. A tecnologia devora não somente o jornalista como profissional, mas devora a liberdade de informação.

Os terroristas hoje utilizam muito bem a mídia justamente por isso. Os terroristas não são jornalistas, mas utilizam a mídia como um jornalista, com os vídeos com as imagens. Não se pode entender a liberdade de imprensa como sendo capaz de renegociar a relação entre esse meio muito frágil mesmo com o formidável progresso tecnológico, é a mesma coisa na educação, na pesquisa, tem que ter coragem de dizer que a tecnologia serve para uma coisa e não para outra.

As redes serão capazes de coabitar mesmo as pessoas não estando de acordo. O jornalismo de amanhã tem que ser capaz de construir, de escolher, de selecionar entre toda informação mundial aquela informação que talvez faça com que as pessoas se entendam. Eu vou concluir com duas ideias. A gente pensa que a questão da diversidade cultural é questão do outro, sobre o outro, isso é uma questão política muito grave, porque se eu só respeito o outro no massacre ou na guerra, eu penso que simultaneamente essa questão cultural e política é uma questão para se ter uma reflexão crítica sobre o problema da tecnologia. Em dois, três séculos, a formação precisa da comunicação, para formar precisa comunicar.

Hoje, há muita tecnologia e muita mais informação que comunicação. Hoje todo

mundo oferece informação, hoje não se utiliza a comunicação para a informação, nem para mensagem, mas a comunicação é relação, é não estar de acordo com o outro, mas negociar mesmo assim. O grande negócio do jornalista, da imprensa, é justamente partir da informação para a comunicação. O que há entre a informação e a comunicação é a diferença entre mensagem e a relação, é a questão do outro, é aceitar e respeitar o outro. É necessário que existam a imprensa e a universidade. Deve haver uma grande colaboração entre o mundo da formação e o mundo do conhecimento.

A universidade faz parte do mundo do conhecimento, ela não tem nada a temer, porque a universidade resiste, o estudante resiste. A universidade tem duas funções: aprender a profissão e aprender o senso crítico. Quando se critica a universidade, você a reduz. O papel da escola não é transmitir uma profissão

é, inicialmente, ter a consciência crítica sobre a sua personalidade. Então, o conhecimento é indispensável para a democracia de toda a sociedade para ajudar esse novo jornalismo. Cada um no seu campo, na sua profissão, o jornalista não é um acadêmico, o acadêmico não é um jornalista, mas os dois têm em comum o amor pela liberdade da informação, o amor pela liberdade do conhecimento, e no mundo capitalista que devora as pessoas, as pessoas não têm valor, as pessoas são todas loucas. A economia não faz a civilização, o dinheiro não faz a sociedade, o dinheiro faz a economia, a riqueza do povo, quem faz a economia é a política, e a política permite reduzir as desigualdades, a política diminui a desigualdade pela formação e o conhecimento. A globalização econômica que faz o progresso é controlada, é domesticada pela política, pela informação e pelo conhecimento.

(artigo recebido mai.2015/aprovado mai.2015)